

UMA LEITURA DE FRANZ KAFKA À LUZ DO CONCEITO DE JUSTIÇA

Francisca Cecília de Carvalho Moura Fé (bolsista do ICV), Daniel Arruda Nascimento
(orientador, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – UFPI)

INTRODUÇÃO

Diariamente nos deparamos com situações que automaticamente nos obrigam a questionar se determinadas ações e resoluções são justas. Como seres pensantes que somos, estamos julgando os fatos e entrando em conflito com outros igualmente pensantes. Afinal, em se tratando de temas universais, tal como a justiça, as interpretações são várias. Tomando como ponto de apoio esta premissa, encontramos diversas literaturas que, ao abordarem o tema justiça, despertam o leitor para questionamentos relevantes e assustadoras conclusões. Não muito diferente da obra do escritor tcheco Franz Kafka. Nela, é difícil perceber de antemão suas intenções, representando um desafio para os leitores e para a crítica, ao levantar diversas interpretações.

O que chama mais a atenção do leitor da obra de Kafka, não são essas possíveis interpretações decorrentes de sua leitura, mas o desconforto que sua literatura produz. Adorno (1998, p. 240) discorre sobre isso, ao avaliar que dentro da obra dele tudo é mais duro, definido e delimitado possível, exigindo do leitor desinteressado, um esforço desesperado. E o que faz um leitor enveredar por esse mundo labiríntico? Entre os vários motivos que mereceriam ser expostos, existe a atual inquietação humana, sem respostas, de uma transição do absurdo para o natural. Em suas histórias, escritas no século XX e classificadas por muitos como a mais significativa da sua época, o absurdo é retratado como comum em práticas tidas como normais. Temas como a violência gratuita, a degradação humana, a perda de identidade, entre outros tantos problemas sociais, confirmam Kafka como escritor atemporal, não nos levando ao tempo em que sua obra foi escrita. Por outro lado, sua obra pode ser lida como um reflexo da sociedade contemporânea.

Em uma carta escrita em janeiro de 1904 ao seu amigo Pollak, Kafka confirmaria o seu gosto literário, o que talvez explicasse sua própria obra, ao deixar claro que devemos ler livros que nos machucam, como se nos dessem uma pancada na cabeça, como se se portassem igual a um machado, com o objetivo de quebrar o gelo que há dentro de nós (cf. KAFKA, s/d, p. 09).

Podemos agora apresentar a obra que motivou esta pesquisa, *O fogueira*, introdutória de *América*. Trata-se da história de um rapaz de dezessete anos, Karl Rossmann, que é enviado pelos pais à América após ter engravidado uma empregada. Ao embarcar em um navio, perder seus objetos e logo após a si mesmo, ele cuida de se apegar a primeira pessoa que lhe dá mais atenção, o fogueira. Este, que é alemão, relata os abusos perpetrados dentro do navio pelo maquinista-chefe romeno, Schubal, e a saída de seu posto sem a remuneração merecida. Rossmann toma as dores do fogueira, batendo de frente com o capitão e seus companheiros. Nesta obra, Rossmann assume um papel que seria do fogueira, ao enfrentar os poderosos do navio, reivindicando os direitos deste. O fogueira pode, então, ser percebido como mais um personagem de Kafka, entre tantos outros, que são conhecidos por não enfrentarem as autoridades. As cenas que procedem este enfrentamento se assemelham a um julgamento. Rossmann encerra o seu papel de “advogado” ao ser descoberto na

ocasião, por um tio senador, que o obriga a sair de cena, fazendo com que o suposto julgamento continue sem ele.

Vemos como o escritor tcheco parece considerar, com alguma naturalidade, que não há uma justiça possível para todos. Muitos se beneficiam da exploração humana. Condições de poder sufocam aqueles que resistem a sistemas injustos. Na pessoa do capitão do navio, Kafka representa um juiz, aparentemente imparcial, disposto a ouvir o fogueiro, mas que tende a aceitar as opiniões de uma maioria que acredita ser perca de tempo ouvi-lo e que não há razão para atender aos pedidos de um empregado, tratado como um estranho.

A seguinte pesquisa objetiva realizar uma leitura da obra *O fogueiro* de Franz Kafka à luz do conceito de justiça. O julgamento que se desenrola durante a narrativa será analisado em confronto com alguns conceitos clássicos de justiça, tais como os de Aristóteles, Hans Kelsen e John Rawls.

METODOLOGIA

A pesquisa que apresentamos procedeu a uma extensa revisão bibliográfica, consultando as fontes primárias e secundárias disponíveis. Em uma primeira fase, tomamos como objeto de estudo o conto intitulado *O fogueiro*, bem como outros textos de Kafka, com o fito de adquirir uma maior familiaridade com a sua linguagem. Reuniões semanais foram realizadas durante o período, visando à análise dos textos indicados, cumulados a outros de pesquisadores e críticos literários do escritor tcheco, tais como os de Modesto Carone, Theodor Adorno, Michael Löwy e Hannah Arendt. Nossas reuniões procuraram dar conta das reflexões que giram em torno dos conceitos relativos à autoridade e ao poder. Para a finalização da pesquisa e o aprofundamento do conceito de justiça, escolhemos três autores, teóricos do Direito, como referência básica: Aristóteles, Hans Kelsen e John Rawls. O estudo de autores contemporâneos sobre o tema da justiça nos levou a delinear os caminhos para a avaliação do julgamento do fogueiro na obra de Kafka.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De maneira geral, compreendemos que à luz do conceito de justiça analisado é possível afirmar que a situação do fogueiro manifesta uma relação de injustiça. Embora, a obra não apresente as leis que regem as relações sociais do navio, podemos convir que ela deixe entender, de maneira implícita, que o julgamento se realize em contrariedade à ordem jurídica. O fogueiro salienta que o tipo de tratamento reservado para si não é o mesmo do presente em outros navios.

Compreendemos, ainda, que através da caracterização do fogueiro, Kafka queira expor a situação de exploração do imigrante em condições oficiosas de trabalho. O autor tcheco estava, certamente, atento a um dos problemas sociais mais gritantes de sua época.

Se os direitos do fogueiro devem ser assegurados mesmo em prejuízo da vontade de uma maioria que não lhe dá o devido respeito, sua situação é a de quem está imerso em profunda injustiça. John Rawls, por exemplo, nos mostra que o conceito de justiça deve levar em conta sempre o respeito às liberdades individuais, mesmo que a sua inobservância gere um proveito para a maioria.

Talvez o que Kafka procure expressar com a obra estudada seja a denúncia, através da história de um personagem em penúria, de uma situação comum na sociedade moderna, aquela que faz do trabalhador um objeto da exploração e da injustiça.

CONCLUSÃO

Cada país, com suas distintas culturas, procura adotar uma concepção de justiça em consonância com a ordem social que abriga. Diversos autores defendem pontos de vista e noções particulares de justiça. Porém, como as relações sociais entre indivíduos se baseiam em interesses pessoais e relações de poder, pode parecer impossível que uma sociedade realize o conceito de justiça para todos. *O foguista*, conto impactante de Kafka, desperta a visão crítica do leitor e obriga-o a voltar a sua atenção para uma narrativa que espelha a situação do homem contemporâneo. Seus questionamentos nos levam a lançar uma outra visão sobre a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. W. *Anotações sobre Kafka. In: Prismas: crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Ática, 1998.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- BOBBIO, N., MATTEUCCI, N., PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Volume 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CASTRO, R. C. P. *A luta por justiça em Goeth, Kleist e Kafka*. São Paulo: XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008.
- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*, São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- KAFKA, F. *Cartas aos meus amigos*, tradução de Oswaldo da Purificação. São Paulo: Nova Época Editorial, s/data.
- KAFKA, F. *Contemplação/O foguista*, tradução de Modesto Carone, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- KELSEN, H. *Teoria geral do direito e do estado*, São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- RAWLS, J. *Uma teoria da justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- RAWLS, J. *Justiça como equidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PALAVRAS-CHAVE: Franz Kafka. *O foguista*. Justiça.